

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

ESTREIA 3-6 SETEMBRO 2020
QUI+SEX 21:00 SÁB 19:00 DOM 16:00
TEATRO CARLOS ALBERTO

20.20

DIREÇÃO ARTÍSTICA ANDRÉ BRAGA & CLÁUDIA FIGUEIREDO

COCRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO
ANA ISABEL CASTRO,
ANDRÉ BRAGA, BRUNO SENUNE,
COSTANZA GIVONE,
DANIELA CRUZ, FÉLIX LOZANO,
RICARDO MACHADO

MÚSICA
RUI LIMA E SÉRGIO MARTINS

INTERPRETAÇÃO AO VIVO
RAFAEL MAIA

DESENHO DE LUZ
CÁRIN GEADA

ESPAÇO CÊNICO
ANDRÉ BRAGA, SANDRA NEVES
COM PEDRO COUTINHO

FIGURINOS
FLÁVIO RODRIGUES

PRODUÇÃO
ANA CARVALHOSA (DIREÇÃO)
CLÁUDIA SANTOS

COPRODUÇÃO
CIRCOLANDO, SÃO LUIZ
TEATRO MUNICIPAL, CMA/TEATRO
AVEIRENSE, TEATRO NACIONAL
SÃO JOÃO

DUR. APROX.
1:10
M/12 ANOS

CONVERSA PÓS-ESPETÁCULO
5 SET

20.20

“Inventar um sonho”

ANDRÉ BRAGA E CLÁUDIA FIGUEIREDO

Tendo completado 20 anos de criação em conjunto, quisemos celebrar a data e refletir sobre um percurso, mas de uma forma que viesse lançar pistas para o futuro. Com um caminho feito de ciclos e ruturas, também agora quisemos que este momento marcasse um novo início.

Tendo como inspiração o conceito de “corpo-arquivo” desenvolvido por André Lepecki, *20.20* tomou como ponto de partida o trabalho sobre o nosso arquivo de movimentos, textos e notes de pesquisa. Querendo total distância de uma abordagem nostálgica ou revivalista, o princípio foi sempre o de “identificar no trabalho passado campos criativos não esgotados de novas possibilidades”.¹ A invenção radical de novas vidas e desdobramentos para o material original foi, pois, o que esteve em jogo. Interessa-nos muito o trabalho nas zonas de sombra da memória e toda a filosofia da história que defende uma outra conceção de tempo, assente na abordagem cruzada do passado-presente-futuro. Interessa-nos uma certa semelhança entre os *locus* da memória e do sonho e esse exercício de turbilhonar o passado, dando lugar a “uma nuvem flutuante de afetos”, uma paisagem brumosa de onde emergem corpos, vozes dispersas, matérias pulsantes que reclamam novas existências.

O encontro, a celebração e partilha da vivência da criação artística como um laboratório estiveram contudo sempre em primeiro plano. O novo, o intempestivo, o difícil de explicar, a mesma inquietação de sempre.

20.20 ficou inevitavelmente marcado pela interrupção brutal por dias de peste e de pesadelo. Para lá das angústias, incertezas e todas as outras novas lutas que se impuseram, a *20.20* foi-lhe, contudo, dada a possibilidade de um olhar distanciado, numa fase já mais ou menos avançada da criação.

Reconhecemos sentido e pertinência nas propostas iniciais, depois da vivência de tudo isto? Haverá espaço para continuar a falar de celebrações, explosões de vida, intensidades puras, corpos delirantes? Estaremos a tão curto prazo com capacidade e vontade autêntica de criar?

Durante os dias mais negros da pandemia, sentimos o quanto pode ser perturbadora a falta de paisagens brancas, luminosas, sem tempo, capazes de nos acalmar o medo. E o que andava embrulhado sobre o que queríamos para *20.20* foi-se esclarecendo: um sonho. Inventar um sonho. No limite, mais do que lembrado, queremos sobretudo que *20.20* seja sonhado, literalmente.

“Primeiro passo: entrando no arquivo.”¹

E o que é que encontramos? “Literalmente, afetos.”¹

“Mas o que é que acontece se eu não apenas visitar o arquivo, mas tentar empurrar o meu corpo para dentro dele e, ao mesmo tempo, permitir ao arquivo empurrar-se para dentro do meu corpo?”¹

Uma metamorfose mútua vai-se gerando. Sem regra e sem ordem, vão emergindo singularidades, âncoras em “nuvens exorbitantes que viajam no tempo, no espaço”.¹

“Pôr um pouco entre parênteses as teorias e pensar a partir de detalhes.” Deixar que eles se impusessem, reclamassem a nossa aproximação de um golpe. “O detalhe é um golpe de cor, de voz, de afeto, de intensidade. [...] Ele não é ilustração, metáfora ou reflexo de um código prévio. É o que está por ver e por pensar. Não é conclusão de algo, mas uma abertura, um início de viagem.”²

Névoas, Febre, Coração, Antepassados, Frentes Oclusas, Corais, Corpo Sem Órgãos, Estilhaços, Rituais de Osíris foram as partículas do arquivo eleitas para assentar uma pesquisa que encontrou no “corpo-arquivo” um conceito particularmente inspirador.

“Todos os corpos são construídos por inumeráveis estratos de tempo. Todos os corpos são, em certo sentido, datados, pertencendo a outras épocas que transportam com eles no seu presente. Todos estes estratos vêm do passado e de uma certa ideia de futuro.”³

“A autobiografia escreve-se no mais fundo da alma. Não se trata de alguém dizer o pai, a mãe. Isso não tem nada a ver com a autobiografia. É o que está inscrito em si mesmo, no íntimo, o silêncio, as imagens que ficam, nem mesmo imagens, traços, *nunc stans*, o momento que fica, o agora que permanece.”⁴

Trata-se de abrir essa caixa, de abrir o corpo. Deixar ser-se atravessado por uma profusão de corpos-arquivo que surgem e desaparecem velozmente, vindos não se sabe de onde. *Flashes*, imagens soltas, estilhaços. Corpos sugados, repuxados, misturados nas suas diferentes camadas. Fluidos, fibras, circulações...

“Debaixo da pele o corpo é uma fábrica a ferver.”⁵

- 1 Lepecki, André, “O Corpo como Arquivo: Vontade de Reencenar e Pós-vida de Obras de Dança”, in Júnior, António W. O. (org.), *A Performance Ensaíada. Ensaaios sobre Performance Contemporânea*, Coleção Juazeiro – Série LICCA, Fortaleza, 2011.
- 2 Fernández-Savater, Amador, “Dar a Ver, Dar que Pensar: Contra o Domínio do Automático”, in *revistapunkto.com*, março de 2019.
- 3 Gil, José, *Movimento Total. O Corpo e a Dança*, Relógio D’Água, Lisboa, 2001.
- 4 Handke, Peter, “O Jogo das Perguntas ou a Viagem à Terra Sonora”, Documentação complementar de espetáculo da Cornucópia.
- 5 Artaud, Antonin, *Van Gogh le Suicidé de la Société*, citado por Deleuze e Guattari, *O Anti-Édipo*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, RUI M. SIMÃO | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTONIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOAQUIM MARQUES, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, PAULO FERREIRA | SOM FRANCISCO LEAL, ANTONIO BICA, JOÃO OLIVEIRA, JOEL AZEVEDO

APOIOS TNSJ



APOIOS À DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

A CIRCOLANDO

É UMA ESTRUTURA FINANCIADA PELA
REPÚBLICA PORTUGUESA – CULTURA
/DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

APOIO CIRCOLANDO

IEFP/CAGE CULTURAL DO PORTO

AGRADECIMENTOS CIRCOLANDO

CLÁUDIA MARISA, JOÃO BRANCO

EDIÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ

FOTOGRAFIA JOÃO TUNA
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO EMPRESA DIÁRIO DO PORTO, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo.

O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.